Um mercado de afectos

O nome do mercado é Bolhão, porque nasceu num local onde havia muitos lameiros, formando uma grande bolha. O lugar não engana, é uma praça comercial, a maior e a mais típica da cidade do Porto. Os produtos são frescos e estão expostos em bancadas, num percurso que é uma autêntica tentação aos sentidos. Os comerciantes "chamam" os potenciais clientes com palavras carinhosas, o que resulta sempre, nem que seja para conversar um pouco.

Texto: Carla Nogueira
Fotos: Virgínia Ferreira

Vir ao Porto sem passar pelo mercado Bolhão é como ir a Paris sem visitar a torre Eiffel. Este edifício oitocentista é um dos ex-libris da cidade, mantendo ainda hoje o ambiente de proximidade e envolvimento típico de uma feira. Os vendedores chamam os clientes com palavras de afecto como "amor" e "querida", prontos a mostrarem os seus produtos. Há muitas pessoas que, mesmo morando na periferia, vêm ainda hoje a este mercado fazer as suas compras. E um pouco de tudo se encontra no Bolhão, desde carne, flores, fruta, legumes, peixe, salsicharia, até roupa e restaurantes. O horário de funcionamento é de segunda a sexta-feira das 7h00 às 17h00 e aos sábados das 7h às 13h.

A alegria e boa disposição imperam num espaço comercial que já viveu melhores dias. O edifício tem sinais visíveis de degradação a nível exterior e interior, mas os seus comerciantes têm esperança que melhores dias virão. As pessoas sentem-se unidas ao Bolhão como se de uma família se tratasse. Aliás se se perguntar a algum dos vendedores o que tem de melhor este mercado, referem que são as pessoas. Paula Viana, há vinte e dois anos neste mercado, refere que o melhor é o *"convívio com os clientes; isto é diferente de trabalhar noutro lado"*. Maria Olinda Pinto, que praticamente nasceu no Bolhão, diz que se dão todos bem. *"Às vezes há discussões, mas depois fazemos as pazes e volta tudo ao normal. É natural que haja barulho num mercado"*, refere. Desde criança que conhece este mercado, onde a mãe tinha um talho. Seguiu as pisadas da progenitora e deu continuidade ao negócio. E o que é que distingue o Bolhão? Na sua opinião, os produtos são mais frescos, desde as hortaliças que vêm directamente do agricultor, às frutas e carnes que são de Armamar. *"O cliente que nos procura, conhece-nos, sabe o nosso nome. Sabemos o tipo de produto que o cliente gosta"*, salienta.

Paula Viana

Actualmente o número de fregueses é menor do que no passado e em muito terá contribuído o aparecimento de grandes superfícies. Antigamente os clientes às sete horas já estavam a entrar no mercado, afirma Fernanda Sousa, que é aqui comerciante há sessenta anos. Recorda que se passava com muita dificuldade nos corredores dada a afluência. Hoje a realidade é bem diferente. Todos se queixam do mesmo, que o mercado precisa de obras para recuperar a vivacidade do passado e de que muito ajudaria para atrair mais clientela, nomeadamente os mais jovens, a criação de um parque de estacionamento. À espera de melhores dias, os comerciantes do Bolhão vão mantendo a sua rotina diária.

À espera da requalificação

"Há doze anos houve a promessa de «um mercado novo», na altura éramos 400 comerciantes, hoje estamos reduzidos a metade", refere Alcino Sousa, presidente da Associação dos Comerciantes do Bolhão. Está cansado de promessas,

Maria Olinda Pinto

Alcino Sousa

embora acredite que este espaço comercial venha a ser remodelado e recupere a vivacidade de outros tempos. Os anteriores executivos da Câmara Municipal do Porto, presididos por Fernando Gomes e Nuno Cardoso, asseguraram que o mercado do Bolhão viria a ser requalificado. Houve alguns projectos, mas nunca passaram disso mesmo. A contínua degradação do espaço, criou um sentimento de impotência e mal estar junto dos comerciantes mas que com o tempo veio a contribuir para uma maior união entre eles, garante Alcino Sousa.

O responsável pela associação é bastante crítico em relação a algumas opções tomadas pelo anterior executivo da autarquia portuense. A título de exemplo refere que não percebe *"como foram gastos vários milhares de contos com a construção de parques de estacionamento na baixa, não se tendo pensado em fazer um no Bolhão, de modo a servir os comerciantes e os clientes"*. O responsável elogia Rui Rio por nunca ter prometido nada. *"Logo no início do seu mandato fez uma visita ao Mercado do Bolhão, mas depois de saber como estavam as finanças da autarquia, disse-nos que não havia possibilidade de neste mandato fazer alguma coisa pelo mercado"*, afirma. Apesar de estar consciente dessas dificuldades, salienta que o mercado não pode continuar assim. E ao que parece existe uma luz no final do túnel, pois brevemente a Sociedade de Reabilitação Urbana (SRU) irá abrir concurso para seleccionar uma empresa de consultoria para elaborar o diagnóstico do Bolhão, fazendo o levantamento dos problemas estruturais, físicos, bem como a análise sócio-económica do próprio mercado, no âmbito do seu contributo para a revitalização da baixa. Posteriormente serão definidas as estratégias a implementar neste espaço.

Sobre o mercado do Bolhão

O mercado do Bolhão, da autoria do arquitecto Correia da Silva, nasceu num local onde havia uma grande "poça" de água e vários lameiros, assemelhando-se a um *"olho marinho"* ou *"bolhão de água"*. A Câmara do Porto comprou, em 1837, a José António Sequeira um terreno para aí construir um mercado público, objectivo que viria a tornar-se realidade dois anos depois. Nesse espaço passaram a concentrar-se todos os mercados que na altura existiam espalhados pela cidade. Numa fase inicial o Bolhão estava delimitado a toda a volta por um gradeamento em ferro, com apenas duas entradas principais, uma para a Rua Formosa e outra para a de Fernandes Tomás. O edifício actual foi inaugurado a 19 de Julho de 1914 e encontra-se ladeado pelas Ruas Alexandre Braga, Formosa, Sá da Bandeira e Fernandes Tomás.